

***Honestidade Acadêmica e Plágio: Observações
Importantes***

**Documento preparado por
Cláudio Djissey Shikida**

27.06.2005

Honestidade Acadêmica e Plágio¹

Cláudio Djissey Shikida

Introdução: Honestidade Acadêmica para que?

O que é honestidade acadêmica? O nome já nos dá uma pista, certo? Todo mundo tem uma idéia do que é ser honesto. Você chega em casa e normalmente ouve algum parente seu se lamentar da falta de honestidade de políticos. E o que dizer de gente que rouba o trabalho do outro no escritório?²

Não é meu objetivo, neste texto, convencê-lo da imoralidade que acompanha a falta de honestidade. Não me parece que apelar para sua boa vontade possa fazer com que você mude seu comportamento. Claro que uma sociedade com indivíduos que prezem a honestidade como um valor em si mesmo é melhor que uma em que o comportamento honesto deve ser obtido através de leis. Entretanto, esta é uma escolha pessoal sobre a qual não tenho qualquer poder.

Mas vamos aos fatos. Esta instituição possui regras que não devem ser desrespeitadas e uma delas diz respeito à honestidade acadêmica. O manual do aluno que você recebeu ao entrar na faculdade dá uma idéia geral bastante satisfatória sobre o que se entende por comportamento honesto. Você poderá notar, relendo o manual³, que não é difícil ter-se uma idéia geral sobre o que entendemos por “honestidade”. Caso você ache que isto não está claro, considere os conceitos mais comuns:

1. O estudante não deve apresentar um trabalho que não seja uma criação original sua;
2. O estudante não deve buscar meios fraudulentos de ser aprovado nas disciplinas do curso;
3. O estudante deve recusar participar de arranjos ilegais e fraudulentos de outros estudantes que resultem em fraude acadêmica;
4. O estudante não deve jamais, de forma alguma, violar o código de integridade acadêmica da faculdade⁴.

São exemplos de conduta que desrespeitam estas normas:

¹ Agradeço os comentários do prof. Carlos Pio (UnB) e do prof. Leonardo M. Monastério (UFPel). Eventuais erros ou omissões quanto às suas sugestões são de minha total e única responsabilidade.

² Algumas vezes a “Honestidade Acadêmica” é chamada de “Integridade Acadêmica”. Ver por exemplo, o documento da Cornell University citado adiante.

³ Se você o perdeu, vá até a secretaria e solicite outro. Teremos prazer em lhe fornecer um novo exemplar.

⁴ A listagem dos tópicos é uma tradução livre de Cornell (2000). O texto é um documento da direção da Cornell University, chamado: *The Code of Academic Integrity and Acknowledging The Work Of Others*. Disponível em: <http://web.cornell.edu/UniversityFaculty/docs/AI.Acknow.pdf>. Acesso em 20.06.2005.

i. O uso ou a tentativa de uso de materiais não autorizados, informações ou ajudas de outros indivíduos não autorizados em avaliações acadêmicas.

Algumas faculdades recomendam: (i) que os professores e tutores (monitores) sejam explícitos e encorajadores na comunicação desta regra aos alunos; (ii) que os estudantes reconheçam, no início de qualquer exame, que estão proibidos de usar qualquer assistência externa como: livros, notas de aula, calculadoras, conversas com outros estudantes; (iii) que os estudantes não devem conduzir pesquisa de textos para trabalhos da disciplina sem autorização prévia do professor (isto pode incluir, embora não necessariamente, documentos obtidos através de empresas que os comercializem); (iv) que trabalhos/documentos apresentados em uma disciplina não devem ser apresentados em outras disciplina, independentemente do semestre, sem autorização prévia dos professores das disciplinas em questão, em conjunto; (v) que a venda/compra de documentos como anotações individuais de aula ou trabalhos é proibida podendo o aluno ser punido com a perda de pontos.

ii. Fabricação de dados.

É ilegal “inventar” dados para trabalhos acadêmicos sem autorização prévia do professor. É necessário, sempre, citar a fonte dos dados utilizados de maneira idônea. Alterar para fins de resubmissão trabalhos acadêmicos já entregues pelo professor viola este item. Por exemplo: tentativas de fraudar a nota já divulgada.

iii. Plágio

Apresentar como suas as idéias de outros em exercícios acadêmicos é ilegal. Alguns exemplos: (i) incluir o nome de um aluno em um trabalho a ser entregue quando o mesmo não teve qualquer participação no trabalho; (ii) incorporar idéias alheias ou parte de idéias alheias como suas; (iii) incorporar figuras, fotos, gráficos, tabelas, pinturas, desenhos, esculturas e outros objetos similares como sendo seus sem a adequada citação das fontes.

Um bom exemplo de plágio é a paráfrase. Define-se paráfrase, de forma simples, como a expressão das idéias de outrem com suas próprias palavras. Fazemos isto o dia todo quando conversamos sobre notícias ou sobre idéias que ouvimos em entrevistas de TV. Claro que é fácil, nestes casos, saber de onde vem a informação pois as pessoas conversam entre si sobre futebol e alguém pergunta: “de onde você ouviu isto”?

O fato é que uma coisa é a conversa do dia-a-dia. Outra é a redação científica. E, ainda assim, sabemos que um colega é ou não confiável quando o mesmo não consegue citar a fonte de alguma informação importante que acaba de transmitir.

Como evitar este erro grave? Vejamos alguns exemplos, começando com a paráfrase.

Exemplos de Plágio: Aprendendo para não fazer igual

O mais fácil exemplo de plágio (e cada vez menos praticado) é a citação direta. Vejamos este texto de Fajnzylber & Araujo Jr (2001), sem página⁵:

Cabe notar que, no caso de crimes contra a propriedade, a utilidade associada aos ganhos do crime é derivada diretamente do valor monetário dos ativos subtraídos às vítimas: quantos mais abastadas sejam estas últimas maiores os ganhos do crime. No caso dos crimes “sem vítimas” – drogas, prostituição, jogo ilegal – o “*loot*” também é de ordem monetária e aumenta com a riqueza dos “clientes”.

O exemplo mais comum de plágio é, literalmente, a cópia integral do texto acima. Ou seja:

Cabe notar que, no caso de crimes contra a propriedade, a utilidade associada aos ganhos do crime é derivada diretamente do valor monetário dos ativos subtraídos às vítimas: quantos mais abastadas sejam estas últimas maiores os ganhos do crime. No caso dos crimes “sem vítimas” – drogas, prostituição, jogo ilegal – o “*loot*” também é de ordem monetária e aumenta com a riqueza dos “clientes”.

Óbvio, não? Por isto mesmo, na era da internet, este plágio é cada vez menos comum.

Outras práticas de plágio similares consistem em mistura de textos e/ou cortes de trechos de textos. Por exemplo, em Birchall (2004, p.5)⁶:

À medida que empresas estrangeiras penetravam em várias indústrias novas nas décadas de 30 e 40, alguns grupos nacionais começaram a diversificar suas atividades, competindo diretamente com elas - como o alumínio e o aço, por exemplo. À medida que os brasileiros entravam em indústrias onde competiam com estrangeiros, a penetração estrangeira nas indústrias tradicionais também aumentava. Em alguns casos, o resultado foi o deslocamento do capital nacional pelo capital estrangeiro, como no caso da indústria de vidros, aonde a imposição de tarifas protecionistas durante a 2ª Guerra Mundial aumentou o interesse estrangeiro pela indústria e resultou na desnacionalização e no afastamento de grupos nacionais pelos grupos estrangeiros. As empresas nacionais foram pioneiras na expansão de algumas indústrias e continuaram a dominá-las na década de 1970; outras indústrias foram criadas por grupos estrangeiros e o capital nacional nunca conseguiu penetrar nesses setores.

Um plagiador típico, neste caso, faria algo como o que se apresenta abaixo:

[OMISSÃO DO SEGUINTE: À medida que empresas estrangeiras penetravam em várias indústrias novas nas décadas de 30 e 40,]
[ALTERAÇÃO, AQUI, PARA Alguns, SIMULANDO INÍCIO DE FRASE] alguns grupos nacionais começaram a diversificar suas atividades, competindo diretamente com elas - como o alumínio e o aço, por exemplo. [OMISSÃO DO SEGUINTE: **À medida que os brasileiros entravam em indústrias onde competiam com estrangeiros, a penetração estrangeira nas indústrias tradicionais também aumentava**]. Em alguns casos, o resultado foi o deslocamento do capital nacional pelo capital estrangeiro, como no caso da indústria de vidros, aonde a imposição de tarifas protecionistas durante a 2ª Guerra Mundial aumentou o interesse estrangeiro pela indústria e resultou na desnacionalização e no afastamento de grupos nacionais pelos grupos estrangeiros. As empresas nacionais foram pioneiras na expansão de algumas indústrias e continuaram a dominá-las na década de 1970; outras indústrias foram criadas por grupos estrangeiros e o capital nacional nunca conseguiu penetrar nesses setores.

Também é plágio transformar trechos do texto acima em rodapé. Ou seja, a prática desonesta, aqui, consiste em “retalhar” o texto acima, num esforço de esconder o plágio espalhando trechos do texto plagiado em diversos lugares do texto⁷.

⁵ Referência completa do texto original: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20167.pdf>

⁶ Referência do texto original: <http://www.ceae.ibmecmg.br/wp/wp8.pdf>

⁷ Em casos extremos, já conhecidos no meio acadêmico, o aluno copia, digamos, três parágrafos subsequentes e os espalha em diferentes capítulos do seu próprio trabalho.

Transformar tabelas de um texto em gráfico como se fosse criação do estudante (e não do autor do texto que contém a tabela) também é plágio. Cópias e/ou traduções sem o devido reconhecimento de textos (inclua sempre a internet quando ler este documento...) também é plágio.

Outra modalidade de plágio – talvez a mais praticada - é a paráfrase (também conhecida como “Mosaico”). Paráfrase, de modo mais amplo, pode não ser plágio. Como saber a diferença? Vejamos um exemplo com o texto abaixo, publicado na Revista de Administração e Economia do IBMEC em seu volume 2, número 4 (disponível na biblioteca do IBMEC-MG) e disponível em <http://www.ibmecsp.edu.br/inst/pages.php?recid=34>.

Incidência tributária e estrutura de mercado

Delso Moraes da Silva

Resumo

A incidência de imposto indireto apresenta particularidades e semelhanças quando comparadas às de ações oriundas de decisões de agentes operando em mercados imperfeitos. Este estudo tem como base a idéia de que a análise da equivalência de resultados produzidos pela incidência de impostos em um mercado perfeitamente competitivo com fins de maximização da renda tributária, com aqueles promovidos pela busca do lucro máximo em um mercado imperfeito, constituído de um monopsonista-monopolista abrangendo o mercado de competição perfeita. Em sua avaliação final, este estudo procura estabelecer um confronto entre os aspectos teóricos da tributação indireta e a estrutura da arrecadação tributária na economia brasileira na última década.

Plágio

Impostos indiretos são similares quando pensamos nos indivíduos agindo em estruturas imperfeitas de mercado. Esta monografia tem como base a idéia de que a análise da equivalência de resultados sob incidência de impostos em um mercado competitivo perfeito, com fins de maximização de renda tributária, vis-a-vis os promovidos pela busca do lucro máximo em um mercado perfeito. Em sua avaliação final, este estudo procura estabelecer um confronto entre os aspectos teóricos da tributação indireta e a estrutura de arrecadação tributária na economia brasileira na última década.

Trata-se de plágio pois: (i) Algumas frases/palavras foram alteradas (poderia ocorrer inversão de ordem das frases/palavras) e (ii) não se reconhece a fonte original.

A paráfrase não seria um plágio no seguinte caso:

O estudo dos impostos indiretos e da ação econômica individual em mercados imperfeitos foi comparado com resultados obtidos sob a hipótese de mercados imperfeitos em recente texto (Silva 2003) do qual podemos tirar algumas conclusões interessantes sobre a economia brasileira.

No caso acima a paráfrase não constitui plágio porque (i) o autor do trecho reconhece a fonte original e (ii) usa suas próprias palavras e frases, inspirando-se no texto original apenas.

Outro tipo de plágio consiste em citar incorretamente um autor. Por exemplo, suponha que se queira citar o seguinte trecho, de um texto de Alberto Oliva⁸:

⁸ O trecho foi retirado de: http://www.rplib.com.br/artigos_detalhes.asp?cod_finalidade=3&cod_texto=2047.

A sociedade que almeja conter o avanço da corrupção precisa criar mecanismos que impeçam o governo de gastar sem racionalidade e de impor uma carga tributária escravizadora. A bandalha com o dinheiro público começa quando a sociedade aceita pagar todas as contas que o governo lhe apresenta.

Se o aluno escrever:

Conforme podemos ver, a sociedade que almeja conter o avanço da corrupção precisa criar mecanismos que impeçam o governo de gastar sem racionalidade e de impor uma carga tributária escravizadora. A bandalha com o dinheiro público começa quando a sociedade aceita pagar todas as contas que o governo lhe apresenta. Isto é um problema sério para o país, principalmente se consideramos o ambiente financeiro atual neste século XXI.

Há dois erros: (i) o aluno falhou seriamente em citar o autor original além de (ii) iniciar a construção de um “mosaico” (que poderia ficar mais grave na medida em que ele copiasse e colasse outros trechos em meio/antes/depois ao (do) texto acima, sem o devido reconhecimento do autor). Uma saída é usar a citação. Há diversas formas de citação possíveis e o aluno deve se reportar às regras da faculdade para se precaver contra este tipo de erro. Diga-se de passagem, esta é a melhor saída para o problema do plágio, conforme já dissemos acima.

Usar o sumário/introdução de alguém também é plágio. Embora não seja nosso objetivo, aqui, falar de como escrever bem um texto, McCloskey, em seu recente livro sobre estilo em artigos de economia, recomenda que novos economistas deixem de lado a redundância de dizer: “na seção ii, tem-se a introdução, na seção iii, o modelo, etc”. Por que? Porque é redundante. O título das seções deve ser auto-explicativo e o leitor não precisa perder tempo lendo um “mapa” do que verá. Apenas coloque a sinalização ao longo do caminho⁹.

Como já foi dito acima, o comércio de textos não é aceito. Assim, comprar textos e usá-los como seu é um erro. A legislação brasileira, aparentemente, não proíbe a compra de textos alheios, o que nos parece um erro¹⁰. Desta forma, embora você possa comprar textos de outras pessoas físicas ou jurídicas, a faculdade entende que seu uso dos mesmos é errado. Afinal, a autoria do mesmo não é sua. Logo, usar trechos ou mesmo todo o texto como sendo seu é plágio. A faculdade não recomenda, em hipótese alguma, a compra de trabalhos para estes fins¹¹.

Lembre-se: é, usar o trabalho de alguém pode ser encarado como um ato de respeito de sua parte, mas somente se propriamente citado segundo as regras da academia. Não fazer isto é incorrer em falta grave. Ou seja, você deve sempre citar as fontes de suas idéias. É claro que um texto pode ficar esteticamente feio ou “carregado” para leitura com tantos rodapés ou citações. Mas apenas a leitura de diversos textos sobre um mesmo assunto pode fazer com que você desenvolva seu próprio estilo literário.

⁹ McCloskey (2000, p.37). Referência: McCloskey, D. N. (2000). *Economical Writing*. Illinois, Waveland Press. Segunda edição.

¹⁰ O autor deste documento conversou com diversos pares e agradece ao prof. Carlos Pio, do Departamento de Relações Internacionais da UnB por este esclarecimento.

¹¹ A faculdade já possui uma biblioteca. Consultá-la, aliás, é quase sinônimo de prática acadêmica.

Alguns aconselham que você comece com uma folha em branco e com suas idéias apenas. Isto faz com que você desenvolva conexões mentais próprias entre conceitos que, depois, podem ser confrontados com os trabalhos de especialistas na área.

Estudantes podem cometer plágios por desonestidade intelectual ou desconhecimento. Entretanto, ambas as causas não anulam o fato de que o plágio é prática a ser evitada a todo o custo. Aqueles que têm dificuldades em redigir um texto devem procurar auxílio junto a professores e/ou leitura de bons textos. Aqueles que se atrasam na entrega de trabalhos e recorrem ao plágio estão se igualando aos que simplesmente desrespeitam as regras em quaisquer circunstâncias. E todos serão igualmente punidos. A conclusão é a de sempre: não cometa plágio.

Um trabalho escolar - verse ele sobre um tópico específico de uma disciplina ou uma monografia, dissertação ou projeto de pesquisa - deve, sim, ser redigido com esmero. O grau de conhecimento do estudante é avaliado não apenas por sua genialidade, mas também por sua capacidade de “jogar dentro das regras da ciência”. Não se lembrar disto é se submeter a um processo penoso e, às vezes jurídico, com consequências indesejáveis para todos.

Como os professores podem ajudar?

Ao contrário do que pensam muitos alunos (e mesmo professores), o plágio não é penalidade exclusiva de monografias ou projetos de pesquisa. Qualquer trabalho escolar – desde uma simples resposta em prova até uma apresentação em sala – está sujeito às regras do trabalho científico.

A faculdade, seja ela privada, semi-pública ou pública, é um local de produção de conhecimento científico, em primeiro lugar. Logo, qualquer tarefa feita por alunos que não siga as normas de honestidade acadêmica – o plágio incluso – incorre em falta.

Alguns argumentam que: “...se eu tenho uma turma de cinquenta alunos, como farei para coibir o plágio”?

Uma resposta óbvia é buscar formas de avaliação que minimizem o problema. Se, por exemplo, o professor recolhe cinquenta trabalhos individuais, deverá recorrer a mecanismos de busca os mais diversos possíveis para checar os trabalhos. Checagem aleatória, neste caso, é uma forma pouco feliz de construir sólidos valores morais em alunos. Por isto recomenda-se que o professor use sua criatividade ou recorra aos exames escritos. Caso o plágio seja comprovado, o professor deve providenciar a documentação que o comprove para eventuais esclarecimentos com o aluno e a direção da faculdade, bem como para eventuais registros acadêmicos.

Outro argumento comum utilizado por professores para não se esforçarem tanto na coibição do plágio (provavelmente mais comum em países marcados por altos graus de corrupção) é: “...mas se todo mundo despreza os direitos autorais, porque não deixar isto para lá”?

Aqui há dois argumentos: o moral e o pragmático. Em termos morais, não é difícil lembrar ao professor que um erro não justifica o outro. Em termos pragmáticos, lembre-se que a faculdade concorre em um mercado educacional que oferta o *serviço* educação¹². A concorrência pode nivelar o mercado em dois nichos: baixa e alta qualidade. Em parte, isto depende do que a direção da faculdade entende por sua missão. No caso desta faculdade, a opção é por uma alta qualidade de ensino.

Embora haja alguma discordância sobre o que seja uma “alta” qualidade de ensino¹³, não é difícil perceber que ela envolve uma certa *reputação*. Se você, professor, acha que o “mercado é quem decide se o profissional é bom ou não”, então está pensando apenas em uma parte do problema.

O mercado recebe os insumos – “força de trabalho” – que nós, educadores, capacitamos. Logo, o mercado apenas decide após nosso trabalho. Neste sentido, o compromisso *dos professores* com o florescimento de valores moralmente adequados em alunos é uma etapa importante na construção de um mercado próspero. Se o professor se acha inseguro quanto a isto, deve consultar a direção de sua faculdade.

Finalmente, um argumento menos comum entre professores se baseia na própria descrença do mesmo relativamente à sua função em uma faculdade. Fala-se de “mercantilização do ensino” em faculdades privadas. Não é preciso pensar muito sobre isto para ver que não é este o problema: serviços de saúde são trocados no mercado por dinheiro tanto como educação, laranjas, automóveis, shows culturais, etc¹⁴. Quanto menor o cuidado com a integridade acadêmica dos alunos, mais a escola sinaliza ao mercado que não lhe fornecerá alunos de alta qualidade.

Independente destes argumentos é aconselhável que os professores adotem uma postura construtiva com relação ao problema. Caso haja suspeita de plágio, procure conversar com outros professores sobre o aluno. Verifique se o comportamento é recorrente em seu histórico escolar, tenha sempre em mente que aqueles que cometem plágio propositalmente nem sempre contam uma versão isenta dos fatos.

¹² Consulte um advogado para entender melhor este ponto, se for o caso. A diferença entre “bens” e “serviços” é o que, legalmente, não permite a um aluno “comprar um diploma”.

¹³ Em cursos de Economia existe um pseudo-dilema entre “muita matemática” e “pouca matemática”. O relevante é se a formação do economista lhe permite ser um indivíduo criativo (e portanto, produtivo), que saiba agir conforme as regras do jogo (e, portanto, disciplinado). Muita matemática, tanto quanto a verborragia, podem ser sinônimos de mediocridade. Basta que não se diga algo relevante sobre um tópico específico. Faz parte, é correto, do aprendizado, que se verifique altos níveis de ignorância sobre temas. Por isto alunos são avaliados em trabalhos acadêmicos que, frisamos novamente, vão desde um trabalho em sala até uma monografia. E por isto é importante que *por toda esta cadeia de trabalhos ao longo das disciplinas*, a honestidade acadêmica seja constantemente reforçada.

¹⁴ Será preciso lembrar que o mercado é o locus da troca e que isto, numa abordagem mais ampla, rendeu Nobel a economistas como Becker (discriminação racial, casamento e divórcio) e Buchanan (política enquanto um tipo imperfeito de mercado)?

Como os funcionários da faculdade podem ajudar?

Funcionários são tão importantes neste processo quanto professores ou alunos. Todos estamos interessados em que a faculdade tenha seu nome valorizado no mercado. Para os funcionários e professores isto é sinônimo de emprego e, para alunos, a boa reputação da faculdade sinaliza ao mercado que sua formação é de alta qualidade.

Portanto funcionários podem ajudar nesta tarefa aconselhando alunos e evitando a omissão em casos de flagrante desrespeito às regras da faculdade, dentro de sua área de atuação. Por exemplo, ajudar um professor a monitorar a aplicação de exames e não reportar atividades ilegais é algo que não deve ocorrer.

Funcionários da biblioteca podem ajudar instruindo os alunos a conhecer os benefícios derivados das boas regras da honestidade acadêmica e, particularmente, fazendo-os sentir-se à vontade para citar corretamente trabalhos de terceiros.

O que fazer?

O melhor a se fazer é reler este documento atentamente. Após sua leitura, você está ciente do problema que é a falta de integridade acadêmica. Também já deve ter percebido que o problema afeta sua própria valorização no mercado de trabalho: empresas de porte e de reputação no mercado mundial não valorizam profissionais que não seguem as regras do jogo.

No caso de trabalhos acadêmicos, a melhor lição deste documento é: o aluno deve buscar valorizar seu capital intelectual, mostrar aos colegas e professores que é inteligente o suficiente para criar algo interessante e útil para a sociedade. Jogar sob as regras do jogo acadêmico é mais do que desejável: é obrigação.